



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada de Cembro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha — Lisboa • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Mais um

Tendo caído o governo presidido pelo sr. Barros Queirós foi este mesmo senhor encarregado pelo presidente da República de organizar novo ministério.

Mas como o Partido Liberal é a junção de dois cacos mal grudados, por divergências entre os seus próprios correligionários o sr. Barros Queirós topou tais dificuldades na organização do novo ministério que desistiu. Foi então encarregado pelo presidente da República o dr. sr. António Granjo de organizar o gabinete, e o dr. sr. António Granjo organizou até agora isto que se vê:

Presidência do interior: António Granjo. — Justiça: Raúl Portela. — Finanças: Vicente Ferreira. — Guerra: Freitas Soares. — Marinha: Pais Gomes. — Estrangeiros: Melo Barreto. — Comércio: Pernaes Costa. — Trabalho: Lima Duque. — Instrução: Ginestal Machado.

Este ministério assim mesmo todo coxo — pois faltam-lhe ainda os ministros das colónias e da agricultura — já ontem tomou posse e já ontem mesmo pretendeu apresentar-se no parlamento mas bateu com o nariz na porta porque, apesar de ter feito anunciar a sua visita para as 16 horas, os donos da casa não o esperaram.

Se, no entanto, na Câmara tivesse havido sessão o chefe do novo governo teria lido a declaração ministerial em que se declara aceitar o programa do governo anterior e em que promete manter a ordem pública, fazer uma administração honesta, respeitar a Constituição, promover a instrução, desenvolver o comércio, a indústria e a agricultura, acabar com o deficit aumentando as receitas e diminuindo as despesas, etc., etc. (Vide declarações ministeriais desde 5 de outubro de 1910 em diante).

O que significam estes pontos dos programas ministeriais nós já sabemos.

Mantendo a ordem pública, é não consentir que os que não chegam à mesa do orçamento tomem de assalto os talheres dos que nela se refastelam; é garantir aos exploradores do povo o direito, consignado pelos códigos burgueses, de livremente exercerem essa exploração; é fazer calar os que protestam contra os ladrões legalizados que os matam à fome.

Administrar honestamente, é repartir equitativamente pelos correligionários os lugares rendosos do Estado.

Respeitar a Constituição é garantir a liberdade de dizer bem do governo e de pactuar com o regime imperante de injustiças, de latrocínios e de bandalheiras.

Desenvolver o comércio, a agricultura e a indústria é permitir a subida dos géneros, aumentar aos operários as horas de trabalho e reduzir os seus salários; é subsidiar companhias falidas pela incuria dos seus administradores; é celebrar contratos lesivos dos interesses públicos e proteger monopólios e negociações.

Promover a instrução é fechar escolas por falta de verba, calotejar os professores primários, colocar meninas por favoritismos. Reduzir as despesas é recusar doze vituvas e meio de subsídio às associações de beneficência, negar um pataco de aumento ao pessoal assalariado do Estado e aumentar os contingentes e os vencimentos da policia, do exército e da marinha.

Aumentar as despesas é meter a mão nos bolsos exaustos dos contribuintes, é arrancar a camélia ao pobre Zé pagante.

A questão cambial — a questão do dia — também o novo governo se propõe resolver. O novo ministério das finanças, que aceita e perfiha a obra do sr. Barros Queirós, que não passou do papel, declara que quanto a essa questão anima-o a mesma disposição em que estava o sr. Barros Queirós, procurando impedir por todos os meios a continuação da especulação desenfreada que se tem feito sobre câmbios.

Registamos a disposição em que se encontra o sr. Vicente Ferreira e temos a certeza de que

O PRESO ITALIANO

A morosidade da justiça

Um caso arrumado que ainda não se arrumou...

Atravessamos os corredores soturnos e bañentos do governo civil, em direcção aos quartos particulares. Velho caminho conhecido do jornalista operário. Caminho que recorda sempre injustiça e amargura. Lá estavam os mesmos contínuos pálidos, de barba por fazer e olhar desconfiado; os mesmos polícias da segurança que nos fitavam, como quem diz: « Bem te conheço ».

Demos finalmente entrada no recinto dos quartos. Sentado cá fora, um rapaz de expressão simpática olhava-nos surpreso. Tivemos a impressão de que era ele quem procurávamos. A ele nos dirigimos, perguntando:

— Michaeli?

— Sim, senhor — respondeu-nos em bom português. E conduziu-nos até ao seu quarto, lá ao fundo, onde trocamos impressões.

O caso de Giovanni Michaeli é um caso resolvido. Mas, como em Portugal nunca se pôe em execução o que se resolve, Michaeli ainda não foi posto em liberdade.

Qual é o seu crime? Nenhum. Crime, se existe, é o praticado pelas autoridades portuguesas, que ainda o mantêm na prisão.

— A policia da segurança do Estado — disse o italiano — prendeu-me e apurou que nada havia contra mim. O côsul também não alimenta contra a minha pessoa qualquer animadversão; falta apenas o sr. ministro dos negócios estrangeiros mandar-me embora. Ou, soltar-me aqui ou pôr-me em Itália. O que eu desejo é a liberdade, venha ela como vier.

Depois duma breve pausa, anunciou-se-lhe o rosto e disse:

— Tenha no Brasil a minha família: mulher, mãe e sete filhos. Preciso trabalhar e há quarenta e tantos dias que aqui estou sem ganhar.

« O meu intuito, quando embarquei novamente para o Brasil, era juntar-me a minha família, que bastante deve ter sofrido... Porém-me em liberdade seria um caso de humanidade ».

Depois, numa rápida conversa, Giovanni contou-nos a forma como veio de Itália a Marseilha, depois a Barcelona, Vigo, Lisboa, trabalhando sempre, economizando para obter dinheiro para as passagens, odisséia verdadeiramente tocante. Daria uma história admirável de aventuras e dor humana.

Vamos a ver se o novo ministro dos negócios estrangeiros arruma este caso com uma pena.

A U. S. O. e a falta de água

É aprovado o relatório e vão-se promover comícios os públicos

O conselho de delegados da U. S. O. reunido ontem à noite com as direcções dos sindicatos aderentes para continuar apreciando o relatório da comissão administrativa sobre a falta de água, depois de falarem vários delegados aprovou o relatório e deliberou nomear uma comissão composta dos camaradas Alvaro Monteiro, Manuel Nunes, Carlos Fortes, Herculanu Matos e Eugénio Sousa que ficou incumbido de promover comícios nos diversos bairros da cidade reclamando contra a falta de água e protestando contra o pretendido aumento de preço.

Devido ao adiantado da hora a que terminou a reunião, não nos é possível dar da discussão do assunto o merecido desenvolvido relato.

Além dessa sua disposição só poderemos registar o trambulho da sua cadeira ministerial.

Deixe-se, pois, o sr. Vicente ficar nas suas disposições apenas, se quer gozar por algum tempo o prazer do poleiro, porque na hora em que das palavras de ameaça aos especuladores passar à realização das suas promessas, não aos saltos, como a ave sua homónima, mas a sete pés terá de abandonar as cadeiras do poder.

DE BOM HUMOR

Um telegrama de Londres, em 21 do corrente, para o jornal *A Epoca*, refere que mademoiselle Juliette Nancy, de Chaumont (alto Marne) sofrendo de ataques meningíticos e de tuberculose, na idade de trinta anos, não sendo curada pelos médicos, recorreu à Santíssima Virgem em tão boa hora que, indo de gatas para o respectivo santuário, veio de lá, em menos de um fôro, escorreita e sa como um peru.

Levada à casa das confraternizações ali foi reconhecida e proclamada por vinte médicos, a cura total de mademoiselle Nancy, ficando eles abanandados com o sucesso.

Leigo na matéria médica, como sou, leve o milagre supra à conta da auto-sugestão da rapariga e deixo a medicina a contas com a sua atapalhada no caso sujeito, trazendo em reforço da minha opinião aquele caso da fé que salvou o homem do pau da barca, consoante se diz.

Ter fé, de facto, é meio sucesso ou meio caminho andado, seja lá no que for.

Crenças respeito-as e não qui ro nem eu saberia discutir-las.

Madureza e presunção cada um toma a que quer, não podendo dizer-se o mesmo da água benta, enquanto a Companhia das Águas não acabar com a seca do Alviela que é um maná para a peste lavrante.

Mais feliz que os chineses dos bichos a Santíssima Virgem pode fazer lá fora, quando e como lhe apraz, o exercício ilegal da medicina que, entre nós, não foi permitido às ditas chinesas pelos nossos médicos que não quiseram ir no bote da credence popular e fizeram com elas fossem tirar as ganfanas dos olhos dos patógenos para outra parte, o que, fazendo causa a uma tremenda guerra de Portugal com a China e ocasionou uma berrada e peras, ali no Rossio, a ponto de perigar a República, que esteve, por um triz, a ir de vendas à toreira do marco fontenário que existiu por muito tempo naquela praça pública e que os humos al do Pelourinho, capitaneados pelo célebre Paiva e Pona, fizeram arar, lá pouco, convertendo a praça naquela beleza estética de hortaliça em ela ficou e se encontra para vinhaça das sobreditas chinesas e agrada, vel recreio de bimbos, alfinchis e tauristas que por ali passavam ou transitavam.

Pois fique sabendo a Santíssima Virgem que se tivesse aqui operado o tal milagre de Chaumont caia-lhe em cima e em péso (*honnai soit qui mal y pense*) a nossa facilidade de medicina e toda a classe médica portuguesa pelo crime, e o termo, de exercer ilegalmente a medicina, donde se tira que este país, cujas leis são de funil, é terra de legalidade e legalistas como nenhuma outra do mundo e que o milagre não tem aqui cabidela porque a lei de separação da Igreja do Estado revogou a legislação em contrário, pretendendo, à viva força e duma simples penada, suprimir renças radicadas por mais de mil anos, irritando assim toda a gente que não lê pela cartilha dos que não se cansam de nos impingir gato por democracia e que entendem que a liberdade é só para os amigos e parceiros, parcialidade de que o proletariado, especialmente, tem sofrido as duríssimas consequências, a ponto de que, tendo razão, tem levado pancadaria de mau, batendo, em seguida, com os ossos nas priões.

UMA INICIATIVA DA U. S. O.

A Biblioteca Operária

Como anunciámos, o secretário geral da U. S. O. avistou-se ontem com a comissão administrativa da sede e com a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil a fim de pedir-lhes a cedência da sala da escola ou aula de desenho para a instalação de uma biblioteca operária, em que à disposição do operário sejam postos os jornais e revistas estrangeiras e nacionais que com a *Batalha* permutam, bem como os livros que a própria *Batalha*, a C. G. T. e todos os sindicatos instalados na casa sindical possuem, fechados nos seus armários por falta de instalações que permitam facultá-los à leitura pública.

A ideia da U. S. O. foi abraçada, como não podia deixar de ser, com toda a simpatia pelas comissões referidas, lamentando o comité da sede não dispor de casa apropriada para aquele efeito e sentindo a comissão escolar que o funcionamento da sua aula de desenho e instrução primária não lhe consistia incondicionalmente fazer a cedência daquelas salas. Animada, porém, da melhor boa vontade em coadjuvar os esforços da U. S. O., deliberou a comissão escolar pôr à disposição daquele organismo qualquer daquelas duas salas durante o tempo de férias.

C. G. T.

Secção das Federações

Hoje, pelas 21 horas, reúne-se a Secção das Federações

NOVELA VERMELHA

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Impossível redenção

por Augusto Machado

Os famintos russos

Os famintos de Cabo Verde

Muito jesuiticamente, como sempre, vem *A Manhã* estranhando que *A Batalha* tam empenhada em socorrer os famintos russos se não lembre dos famintos de Cabo Verde.

Não seria de muito mais acerto — pergunta *A Manhã* — em vez de se fazer uma subscrição para acudir aos famintos russos, subscricao essa que, em relação à caridade, para cujo remédio pretende concorrer, não irá além de desvoto vintens e cinco reis, se cuidasse antes de acudir aos famintos de Cabo Verde? Afirma-se-nos que sim, e até pela razão destes estarem evidentemente muito mais ao alcance do nosso auxílio do que aqueles, cuja desgraça tem já, de resto, a vantagem de ter por si, procurando auxílio e alívio, a assistência poderosa de grandes nações — o que não sucede com os famintos de Cabo Verde, que não tem essa assistência — porque quis que nem a nossa tem tudo, infelizmente!

Estas considerações dirigidas à comissão burguesa de iniciativa do dr. sr. Magalhães Lima assentam como uma luva, mas dirigidas a *A Batalha* — são simplesmente tolas.

Para nós sindicalistas revolucionários não há paridade entre a fome que lavora em Cabo Verde e a que lavora na Rússia.

Não nos consta que a fome de Cabo Verde seja ocasionada por qualquer bloqueio de hostilidade ou pela perturbação causada à sua vida económica por qualquer mudança de regime. Sabemos que é devida à incuria do governo burguês a que a população caboverdeana está sujeita — governo que tem todas as facilidades dos outros Estados, isto é, da burguesia mundial que é quem tem nas suas mãos toda a produção.

A fome da Rússia é consequência do bloqueio criminoso que a burguesia de todo o mundo fez aquele país para fazer baquear a organização socialista que ali se tenta estabelecer.

Evidentemente que pezarosamente sentimos tanto a situação fortíssima dos que em Cabo Verde estão passando de fome como a dos russos famintos. Mas a subscrição aberta por *A Batalha* em prol da Rússia faminta, além de um acto de humanidade representa um protesto contra o monstruoso crime da burguesia e uma manifestação de simpatia pela obra revolucionária empreendida pelo povo daquele país.

Como vê *A Manhã*, não precisamos de usar da sua linguagem jesuitica para exprimirmos o que pensamos.

As considerações de *A Manhã*, repetimos, são bem cabidas para as eses tarulões que depois desse vigarismo que foi a grande guerra, da propaganda da mentira que se fez em todo o mundo, do bloqueio, das intrigas e da guerra à Rússia, dos ataques directos e indirectos ao proletariado, — aparecem com lágrimas de Judas a abrirem subscrições para os famintos da Rússia que eles próprios ajudaram a cair nessa triste situação!

Sim; não se compreende que a burguesia portuguesa deixe morrer de fome os caboverdeanos, seus resignados subditos, e vá socorrer os russos que se revoltaram contra o seu domínio.

— Quanto pior aquilo por lá estiver, melhor é para nós. Assim pensa e sente *A Manhã* como boa burguesa que é. Mas como lhe falta a coragem para dizer em voz alta o que sente, di-lo pela forma jesuitica como o fez ontem.

Pois não seríamos nós que lhe levaríamos a mal se se expressasse sem sentimentalismos fingidos e sem entrelinhas. Achamos tam natural que a burguesia se recuse a subscrever para auxiliar os russos, como natural é que o proletariado continue a manifestar, com a sua coa pequena na importância mas grande no significado moral, a sua simpatia pela obra revolucionária que a Rússia representa.

Nos homens livres e humanitários

Neste momento em que a Rússia se debate com uma tremenda crise económica, provocada principalmente pelas dificuldades que lhe criaram os governos dos outros países, impõem-se a solidariedade de todos os trabalhadores manuais e intelectuais para com o povo russo.

Transporte.....	624\$21
Ricardo Correia Perpetuo.....	2\$50
Guilherme José Teixeira.....	1\$00
Amário Rodrigues.....	1\$00
José Pinto Contreras (Gorjães).....	\$60
Damaso Inácio da Silva.....	\$50
Roberto David.....	1\$00
Albuquerque.....	\$50
A transportar.....	631\$36

Uma biblioteca libertária

Um grupo de camaradas libertários acaba de fundar na rua Maria Pia a Biblioteca Operária Libertária, que se destina, principalmente, à educação dos jovens, desviando-os do meio pútrido que é a taberna.

Os fundadores de tam útil instituição, contando com o apoio dos operários conscientes, pedem que lhes sejam enviadas quaisquer obras para a residência da camarada Joaquim da Cruz Lima, Casal Ventoso de Baixo, n.º 5, 1.º, querendo, ou que lhe indiquem onde podem ir buscá-las desde que não tenham possibilidade de as enviar para a cidade residência.

A classe capitalista mantém-se mais pela desnutrição dos trabalhadores do que pela sua própria energia ou capacidade. Embora lutem furiosamente entre si, os burgueses congregam, entretanto, os seus esforços para a defesa, quando vêm em perigo os privilégios da colectividade.

Esse mesmo espirito de classe é necessário que exista entre todos os trabalhadores.

A crise de trabalho

Em Guimarães realizou-se um comício de protesto promovido pela U. S. O. local

No dia 22 do corrente, realizou-se em Guimarães um importante comício público levado a efeito pela U. S. O. local com o fim de se protestar contra a crise que está afectando, por forma assustadora, diversas classes desta cidade, como fabricantes de calçado, couteiros, penteiros, etc., crise que — como nos outros pontos do país — é provocada pelo patronato, pois que, se porventura os operários se sujeitarem a trabalhar por um salário menor do que a sempre crescente carestia da vida exige o trabalho aparece logo com abundância. Isto demonstra apenas a maior crueldade e a mais espantosa perversidade por parte dos detentores da riqueza social, dos que, explorando, tripudiando, engordam na razão directa do deprimimento do proletariado.

Contra esta monstruosidade teem as hostes trabalhadoras, levados pelo instinto de conservação e pela noção da dignidade própria, que erguer-se como um só homem.

Assim o compreendem os organismos sindicais, e por isso a U. S. O. de Guimarães, que já havia realizado algumas reuniões magnas preparatórias, promoveu o referido comício que foi uma bela afirmação de princípios e uma demonstração salutar da revolta que lavora nos meios operários.

Uramam da palavra os camaradas Luís Garcia Martins, João da Silva e António Dias Correia, tendo sido por este último apresentada uma moção com as seguites conclusões:

« Que a câmara trate desde já de organizar um celeiro, para desta forma evitar a crise de cereais; que a mesma trate imediatamente de construir prédios para operários e de obrigar que se façam as devidas reparações nos prédios particulares, interior e exteriormente, contribuindo assim para evitar a crise que nos traz a todos apavorados ».

No final do comício, a cidade parecia estar em estado de sítio: toda a policia e guarda republicana, marcialmente, patrulhavam as ruas. Em qualquer ponto era inevitável encontrar-se o sr. Torres, chefe da policia, já muito celebrizado por ter o costume de prender a torlo e a direito e de ameaçar com a espada toda a gente.

A Novela Vermelha
APARECE
Amanhã
à venda
IMPOSSÍVEL REDENÇÃO
por
Augusto Machado
Adquiri

A Novela Vermelha
em todas as livrarias, tabacarias e na administração de *A Batalha*

Classes Gráficas

Uma reunião dos grevistas desempregados

Reuniram ontem os camaradas das casas em greve ainda desempregados para apreciar as resoluções tomadas na última assembleia magna das classes gráficas.

Nesta reunião, depois de diversos camaradas terem apreciado devidamente a marcha do movimento e os documentos aprovados na assembleia magna, foram aprovadas uma moção e uma proposta que foi resolvido serem entregues às direcções dos respectivos sindicatos.

Convocações

Convidam-se os camaradas compositores das casas em greve, a comparecerem hoje, às 18 horas, na sede provisória da Associação dos Compositores Tipográficos, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, (Associação dos Caixeiros), para assumo da máxima importância.

Pede-se a comparencia de todos os camaradas.

Reinam hoje, às 18 horas, as comissões administrativas dos Compositores e Impressores Tipográficos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Barreiro. — Reúne na quinta-feira a comissão administrativa para apreciar trabalhos de importância. Pede-se ao tesoureiro interno para não faltar, pois já se encontra aqui o tesoureiro efectivo, que deve retomar hoje o cargo. Dada a importância dos assuntos, nenhum camarada deve faltar.

No Escoural

Uma importante e entusiástica sessão de propaganda da Juventude Sindicalista

ESOURAL, 29. — Realizou-se ontem uma sessão de propaganda promovida pelo Núcleo desta vila na qual usaram da palavra delegados da F. J. S. e Núcleo de Évora e um jovem de Beja.

Aberta a sessão às 21 horas, o camarada Avelino de Lemos Patrício convidou a presidir o camarada Joaquim J. Ameixa, que foi secretariado pelos camaradas Avelino Patrício e José G. Cambedo, do Núcleo de Beja. Constituída a mesa o camarada presidente fez largas considerações sobre a missão dos jovens no presente e no futuro e incitou os velhos trabalhadores a que coadjuvarem a acção das Juventudes Sindicalistas. Terminou por apresentar as seguintes exortações morais dedicadas aos jovens escouralenses:

1.º Jovem amigo: Honra e núcleo onde estás associado, porque honrando o Núcleo, honras-te a ti próprio.

2.º Auxilia solidariamente, os teus camaradas, quando presos, por defenderem a liberdade dos trabalhadores.

3.º Assina o nosso querido jornal *O Despertar* que te dá uma educação sólida, pura e libertária.

4.º Foge da taberna, do prostíbulo e de todos os outros vícios, que só servem para te obscurecer o cérebro e arruinar a saúde.

5.º Frequenta o Núcleo, porque neste lugar encontrarás o inextinguível prazer da camaradagem sólida.

6.º Com entusiasmo, vem colaborar conosco, em prol da liberdade.

7.º Procura por todos os meios adquirir uma consciência livre.

8.º A revolução aproxima-se a passos largos, prepara-te portanto para a receberes e gozares-lhe os benéficos resultados.

O camarada Avelino de Lemos Patrício dum forma brilhante demonstra a necessidade de jovens e velhos coadjuvarem a acção do Núcleo J. S. do Escoural terminando, depois de largas considerações, por erguer um viva à independência das juventudes, que foi muito correspondido pela assistência em que se viam bastantes mulheres.

Fala em seguida o delegado da F. J. S., camarada José M. Esteves, que aborda dum forma geral os seguintes interessantes pontos: « o que se torna necessário para fazer a Revolução; a higiene no lar dos camponeses; o problema agrícola em face da mecânica e electricidade e a forma de desenvolver a mentalidade dos jovens para que se adaptem a esses métodos; a acção das Juventudes Sindicalistas no presente e no futuro », abordando também o problema da instrução no campo e o encerramento das escolas normais de Évora, Beja e Portalegre.

Refer-se ainda à forma dos velhos trabalhadores coadjuvarem a acção dos novos, terminando por apresentar saudações fraternais em nome da F. J. S. a toda a assistência.

José Guerreiro Cambedo, do Núcleo de Beja, diz falar ali muito individualmente, fazendo largas considerações sobre a momentosa questão social, incitando os jovens escouralenses a unificarem-se para que, num futuro próximo, apetrechados com uma elevada educação moral, técnica e revolucionária, tomem conta da gerência moral dum sociedade nova, que terá de substituir as arcaicas instituições burguesas.

Manuel Ramos, do Núcleo de Évora, faz com proficiência a história da sociedade desde as épocas mais remotas até à actual, sob o ponto de vista político, religioso e moral, fazendo o confronto entre a moral burguesa e a nossa, libertária e emancipadora. Depois de fazer interessantes deduções sobre o pensamento de Garrett — *Povo que dorme, tirania que desperta*, o orador termina, no meio dos maiores aplausos, a sua dissertação, de alto valor sob os pontos de vista histórico e sociológico, tendo falado seguramente duas horas.

Por último, o camarada Catarpo põe em relevo, num bem conduzido discurso, a situação das classes trabalhadoras e, especialmente, a dos jovens em face dos novos agrupamentos comunistas, tendo palavras de protesto contra o confusionalismo que se pretende estabelecer no seio das massas operárias.

Terminou a sessão por entre grande entusiasmo, tendo sido calorosamente saudados com vivas e palmas as Juventudes Sindicalistas, a respectiva Federação, a C. G. T. e *A Batalha*.

LEDE

Impossível redenção

Queda de um andaime

Recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor: — Tendo vindo publicada nos jornais da manhã uma noticia sob a epigrafe *Queda de um andaime* em que se refere que um sergente de pedreiro, de nome João dos Santos, de 14 anos, filho de João Nicolau e de Maria da Conceição, residente na rua do Jardim do Tabaco n.º 15, morreu no hospital de S. José, por ter caído de um andaime no Bairro Social do Arco do Cego, venho pedir a vós a submissão da linha de rectificar essa noticia, que não representa a expressão da verdade.

O referido sergente, andava brincando, durante a hora do descanso, com outras serventes da mesma lãnde, e ficou entalado entre duas vagonetas que os compunham impensadamente empurraram uma de encontro a outra. Conduzido imediatamente ao hospital em estado grave, ali veio a falecer.

Esta é que é a expressão da verdade e não aquela do andaime, que implicaria descuido ou falta de segurança de que seria responsável o Director da Construção.

Peia fineza da publicação desta noticia lico muito obrigado. — Pela Comissão Administrativa, A. S. Magalhães.

Explosão de um morteiro

Na enfermaria provisória do hospital do Deserto da ontem entrou daquella Marçuela, de 20 anos, solteiro, jornalista e residente em Olho Marinho freguesia da Amoreira, concelho de Obidos que, na occasião em que lançava fogo a um morteiro, este rebentou, estacelando-lhe a mão direita.

O sr. Machado Santos

Don Juau e Don Quixote

Uma scena com o director do «Diário de Lisboa» e um documento psicológico do fundador da república

Lembr

